

Apresentação

ESTE LIVRO DESTACA O TRABALHO QUE VEM SENDO DESENVOLVIDO por pesquisadores da área de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), considerados seus vínculos com professores de outras Instituições de Ensino Superior (IES) do país. O resultado, necessariamente variado, volta-se para a apreciação de autorias pontuais e circunstanciadas, a exemplo de Antônio Vieira e de João Cabral de Melo Neto, ou de momentos históricos precisos, quer tomemos o século XIX ou a contemporaneidade, que acumula e esgarça temporalidades outras. Como prática discursiva do ofício, os ensaios aqui reunidos sob escopo bastante amplo se guiam por aportes teóricos bem diversos, cujas frequência e conformidade são sempre acionadas de acordo com o objeto literário a ser observado, visando à sua melhor divulgação junto ao respectivo público leitor. Por isso, admitida a possibilidade de visualizar-se uma intenção geral do volume, pautamo-nos pela dinamização da leitura de obras já consagradas, ainda que não devidamente assimiladas, como se constata na análise da recepção de Sousândrade por João Adolfo Hansen, bem como de obras que se encontram na fronteira da literatura com outras artes, o que obriga a uma visada mais experimental, ocasionalmente limitada com a música ou com o cinema.

A primeira seção, “Vieira: missionário e sermonista”, apresenta dois enfoques diferentes do multifacetado jesuíta seiscentista Antônio Vieira. Adma Muhana traz grandes esclarecimentos acerca de algumas ações de Vieira com relação a indivíduos e ao conjunto das *nações portuguesas* de Amsterdã e de Ruão, evidenciando que tais ações podem ser mais bem compreendidas, quando se considera que sua defesa do judaísmo e o consequente favorecimento dos judeus, razões que levaram a seu processo na

Inquisição, consistiram antes numa defesa dos mercadores portugueses exilados da Península Ibérica, descendessem ou não de judeus, houvessem adotado ou não o judaísmo como religião. Em síntese, a autora propõe que grande parte da aceitação por Vieira de pressupostos e princípios da religião judaica se deveu a propósitos políticos, econômicos e missionários em relação a essas comunidades. Já Ana Lúcia M. de Oliveira, no ensaio “Assim como a pintura, os sermões: Antônio Vieira e o visualismo patético seiscentista”, investiga a predominância do visualismo patético na sermonística vieiriana, inscrevendo-a no âmbito da relevante questão do paralelo entre as artes. De início, a autora apresenta um breve histórico do símile *ut pictura poesis*, crucial para as codificações retórico-poéticas dos séculos XVI e XVII. Em seguida, evidenciando a função primordial dos elementos visuais nas representações seiscentistas, enfoca a reciclagem vieiriana da comparação entre as artes do discurso e as artes visuais, a partir do reconhecimento da grande eficácia persuasiva das imagens.

A seção seguinte, intitulada “História literária e literatura oitocentistas”, oferece diferentes abordagens de objetos literários muito diversos entre si, a despeito de sua inscrição no século XIX. O texto “Etiqueta, invenção e rodapé: *O Guesa* de Sousândrade”, de João Adolfo Hansen, foi elaborado em 1993 para servir de introdução a uma edição anotada da edição londrina de *O Guesa* que acabou não sendo publicada. Sua proposta central é indicar ao leitor que três dos quatro principais esquemas de leitura geralmente aplicados a essa obra são contraditórios, ou seja, que não há consenso sobre ela por parte da crítica. Um deles é o romântico, do século XIX; outro, o da interpretação do romantismo de Sousândrade na historiografia literária brasileira; e o terceiro, o da apropriação do autor pela vanguarda concreta dos anos 1960. Cabe esclarecer que o quarto esquema de leitura, brevemente apresentado e logo descartado pelo autor, baseia-se na alegação da loucura de Sousândrade como causa de seu malogro estético. Em “O historicismo de Santiago Nunes Ribeiro”, Andréa Sirihal Werkema retoma uma questão formulada por este no ensaio “Da nacionalidade da literatura brasileira”: “a aplicação específica do relativismo histórico que busca ver e entender as razões para a negação de uma poética nacionalista entre nossos poetas do século anterior: árcades, neoclássicos, seguidores de tendência universalizante”. Em síntese, a autora considera esse ensaio o ato inaugural de uma linhagem crítica em nossa história literária, destacando que a modernidade das ideias nele apresentadas encontra eco na crítica literária de Machado de Assis. Por sua vez, Leonardo Mendes e Thales Sant’Ana Ferreira Mendes desenvolvem uma análise do romance

naturalista *A carne*, de Júlio Ribeiro, à luz da consideração de seu grande impacto na sociedade de sua época e de como foi lido pelos leitores que o consagraram, propondo levar a sério o estatuto dessa obra como impresso pornográfico e popular, como um “livro para homens”. Os autores consideram tal perspectiva a mais viável para abordar um romance tão importante para leitores de várias gerações e, ao mesmo tempo, tão rebaixado pela historiografia canônica. No capítulo “Paulo Barreto (João do Rio): o batismo de um jovem escritor no Rio de Janeiro da *belle époque*”, Marcus Vinicius Nogueira Soares discute o início da carreira de Paulo Barreto, em especial o momento em que ele deixa de ser um resenhista de arte e literatura, afeito à estética naturalista e ao positivismo, e se torna um repórter mais investigativo, consolidando o seu pseudônimo João do Rio no cenário cultural da *belle époque* carioca. O quinto texto dessa seção, “Escritoras caminhantes, mulheres transgressoras”, de Giovanna Dealtry, devido à sua dimensão temporal, como uma travessia do século XIX aos nossos dias, disponibiliza um painel no qual Júlia Lopes de Almeida se oferece como contraponto sugestivo e complementar a Natércia Pontes, sob a mediação de Virginia Woolf, cuja visada, passando pelo diapasão moderno, instaura o escopo feminino como clivagem da percepção urbana do Oitocentos à contemporaneidade.

A terceira seção, “João Cabral de Melo Neto, poeta e editor”, reúne três ensaios sobre o poeta que contemplam a dimensão autoral mediante sua textualidade em processo, sua recepção em Portugal ou, ainda, sua atuação de editor como condicionantes expressionais. O ensaio de Éverton Barbosa Correia, cujo título “*Terceira feira ou Quaderna, Dois parlamentos e Serial*” é ilustrativo da exploração nele realizada, aprecia os textos que se fixaram nas primeiras publicações ou nas alterações sofridas pelas edições em circulação, o que dá bem a dimensão da disseminação inicial de tais obras no Brasil, bem como de suas variações posteriores, consideradas emendas ou rasuras, assim como indícios estilísticos da escritura cabralina tanto no âmbito da composição da estrofe quanto na definição do verso. Solange Fiuza, por sua vez, noticia a recepção da poesia de João Cabral de Melo Neto em solo português não em abstrato, e sim na propagação desencadeada a partir do grupo de editores nucleado em torno da revista *Presença*, notadamente João Gaspar Simões, já sintonizado com ela, quando as figuras do autor e do leitor especializado ainda não simulavam unanimidades nem aqui, nem lá. No terceiro texto, com a exploração de uma dimensão muito mencionada, mas pouco analisada da atuação de João Cabral de Melo Neto na cultura letrada e na literatura brasileira vinculada

ao ofício de editor, Elaine Cristina Cintra atinge resultado surpreendente em sua caracterização autoral como contraparte de seu desempenho na escrita, em comparação aberta com dois outros editores contíguos e igualmente preocupados com a artesanania tipográfica, a saber, Vicente do Rego Monteiro e José Maria Carneiro de Albuquerque e Melo. A despeito de serem reconhecidos devido a outras intervenções nas artes plásticas ou na imprensa, todo o exercício editorial deles se constitui como contraponto produtivo na composição do artesanato gráfico correlato ao expediente expressional. Realçada a existência de uma tradição de tipógrafos artesanais enraizada no chão brasileiro, amplia-se a compreensão de autoria incidindo diretamente na *persona* do poeta ou nos outros dois editores implicados, no sentido de uma demonstração viva de que a produção do livro condiciona o artefato de cultura e o entendimento da literatura ocasionalmente em voga.

“Crítica literária e crítica cultural”, a quarta e última seção do livro, encerra uma compreensão necessariamente metalinguística, segundo a qual a crítica se volta sobre si mesma, ao mesmo passo que se expande em outras direções. Sob tal perspectiva, cumpre referir que o texto de Roberto Acízelo de Souza, cuja intervenção tem sido sistematicamente voltada para o repertório crítico ou teórico que se lastreia ao longo da tradição ocidental, expõe didaticamente os limites e potencialidades de sua prática sob a denominação “Notícia de um projeto em curso: a crítica literária na sua variabilidade”. Já o texto de Fátima Cristina Dias Rocha e Fabiana da Costa Gonçalves versa centralmente sobre o capítulo “Narciso em férias” de *Verdade tropical*, de Caetano Veloso, que depois se tornou um documentário homônimo, também de teor biográfico sobre o autor, mais reconhecido como compositor e cantor. Em sua leitura, nota-se que, tratando-se de um gênero híbrido, a escrita tem um ancoradouro bifurcado na planura literária, sem deixar de compor modalidades textuais afins, da história social ou da história cultural, que podem fazer as vezes de crítica. Seu título, “Narciso em férias: o testemunho do preso político Caetano Veloso”, ressoa inapelavelmente outro, “O projeto ‘Doces bárbaros’ e a crítica de cultura no Brasil”, escrito por Leonardo Davino de Oliveira, cuja perspectiva mais abrangente se anuncia não somente pela figura estelar de Caetano Veloso, que se constitui numa autoria literária incontestada, mas sobretudo pelo caráter ambivalente da crítica de cultura como crítica literária. Algo similar é realizado por Flávio Carneiro em “Da transcrição e outros inacabamentos (divagações em torno de um filme de Al Pacino)”, embora o fenômeno de cultura seja então o cinema,

cujo mecanismo de difusão se distancia do espaço gráfico para o imagético, vale dizer, como índice representacional da escrita para sua tradução em outra linguagem, conduzindo-nos a uma reflexão incontornável na contemporaneidade. Completando essa seção e o volume, Fabíola Padilha apresenta uma abordagem sincrônica de uma autoria contemporânea pouco conhecida, estampada sob a cifra “Entre bitucas e palavras: relato de uma sobrevivente em *Depois de tudo tem uma vírgula*, de Elizabeth Cardozo”. Considerada em meio a outros autores contemporâneos, tal publicação, de 2021, é enfocada como um testemunho da barbárie em que estamos imersos sob um aparato crítico que vai de Jeanne Marie Gagnebin a Márcio Seligmann-Silva.

ANA LÚCIA M. DE OLIVEIRA
ÉVERTON BARBOSA CORREIA